PASSEANDO EM FRATERNAL CONVÍVIO

SUMÁRIO
DR. CARNEIRO PACHECO
UM CENTRO DA M. P. F.
SE VÓS QUIZÉSSEIS
NA HORA DO REGRESSO
SANTO ANTÓNIO NA SUA CASA
OBRIGADA, MEU DEUS!
EQUITAÇÃO
PÁGINA DAS LUSITAS
(«O bom coração de Madalena Pais»
e «A Coragem de Tereza Telles»)
O LAR
(Cosinha)
TRABALHOS DE MÃOS
(Pano em aplicação)
COLABORAÇÃO DAS FILIADAS
OBRA DAS MÃIS PELA
EDUCAÇÃO NACIONAL
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»
Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8. — Telefone 4 6134 — Editora: Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa
Assinatura ao ano 12$00
Preço avulso 1$00
BOLETIM
MENSAL
OUTUBRO
1940
N.º 18

# Dr. Carneiro Pacheco

*Partiu no passado dia 28 de Setembro para Roma, onde foi ocupar o alto cargo de Embaixador de Portugal junto do Vaticano, o antigo Ministro da Educação Nacional, senhor Dr. António Carneiro Pacheco.*

*No aerodromo de Sintra prestou-lhe as honras da despedida um «Castelo» da Mocidade Portuguesa Feminina, estando também presente, a Comissária Nacional, D. Maria Guardiola e suas adjuntas, Delegada Provincial, Delegada Regional, e algumas Directoras do Centro.*

*A M. P. F. não poderia ali faltar; ela que nasceu do coração do sr. Ministro da Educação Nacional, ela que cresceu à sombra do seu interêsse carinhoso, não poderia deixar de lhe ir manifestar na hora da partida a sua gratidão.*

*Gratidão — seria pouco...*

*A M. P. F. foi levar ao senhor Dr. Carneiro Pacheco alguma coisa mais ainda: as suas saùdades.*

*Sem dúvida, as qualidades pessoais de Sua Excelência, juntas aos relevantes serviços prestados como Ministro da Educação, são mais que suficientes para merecerem o aprêço de todos os bons portugueses.*

*Mas a M. P. F. tem a acrescentar a êsses motivos de admiração e de reconhecimento nacional, os seus motivos particulares de muito querer a quem muito lhe quiz.*

*Novos encargos — de honrosa e delicada missão — afastaram de Portugal o senhor Dr. Carneiro Pacheco.*

*Mas a luz do alto pensamento com que o senhor Dr. Carneiro Pacheco concebeu a «Mocidade» ficou aceza na alma de todos aquêles que, embora humildemente, desejam continuar a sua obra.*

*Na M. P. F. tôdas nos sentimos animadas a trabalhar com a dedicação, a fé, o optimismo e a perseverança de que o senhor Carneiro Pacheco nos deixou inolvidáveis exemplos.*

*O caminho ficou-nos traçado; queremos segui-lo fielmente, e será esta, assim o crêmos, a maior homenagem que poderiamos prestar ao Fundador da «Mocidade Portuguesa».*

*Dêste modo, a-pesar-da distância, o senhor Dr. Carneiro Pacheco continuará a viver entre nós.*

Sua Ex.ª o Sr. Dr. Carneiro Pacheco rodeado por alguns dos seus amigos e colaboradores, vendo-se também o sr. Dr. Mário de Figueiredo, actual ministro da Educação Nacional

M. P. F. saùdando o senhor Dr. Carneiro Pacheco à sua partida para Roma

# UM CENTRO DA M. P. F.

I

II

No Centro n.º 2, a M. P. F. está em plena actividade. Num ambiente claro, alegre, de janelas rasgadas para a luz, sob o olhar protector da Virgem, grandes e pequenas, ajudando-se mùtuamente, caminham sem desfalecimentos com um sorriso confiante para o mesmo Ideal:

«fazer mais, fazer melhor».

Eis alguns aspectos dessa actividade:

As mais pequenas ajudam as mais velhas nos trabalhos de secretaria.

I — Organizando os ficheiros.

II — Consultando fichas — a conversar e a rir alegremente, faz-se o trabalho depressa...

III — Escrevendo à máquina.

As «Infantas» ocupam-se especialmente em fazer roupinhas para os pobrezinhos. Durante o último ano lectivo foram confeccionadas 499 peças de vestuário e 434 distribuidas.

Trabalham guiadas pelas mais velhas, alegres e diligentes, pois sabem que essa roupinha irá aquentar algum corpinho tenro menos favorecido pela sorte.

IV — Mãos pequeninas de Infantas, um pouco desageitadas ainda mas cheias de bôa vontade trabalham, trabalham sempre, sob o olhar carinhoso e atento duma Vanguardista.

Mas a formação das Filiadas do nosso Centro ficaria incompleta se lhes faltasse a aprendizagem dos serviços domésticos.

V e VI — As nossas raparigas freqüentam com entusiasmo as aulas de culinária. Ei-las lavando e limpando a louça depois do almôço que elas próprias cosinharam.

Mas não basta que as raparigas aprendam a ser boas donas de casa. A mulher deve saber fazer tudo.

Dentro do seu lar cada coisa deve passar pelas suas mãos para que ela lhe imprima a sua graça particular, um sorriso seu, um pouco da sua alegria.

Pois não há coisas que parecem sorrir?

Se abrirem uma estante que não conheçam, em que livro pegam? No que tiver uma encadernação mais bonita.

As raparigas do Centro n.º 2 sabem manejar o cartão, a percalina e o grude. Um livro velho e rôto em breve se remoça e apresenta outro aspecto bem diferente.

Reparem como tôdas estão atentas aos gestos da mestra, que afinal é apenas «Uma Vanguardista».

Depois de cosido o livro, a lombada é metida na prensa e martelada com cuidado. Corta-se o papel a preceito...

VII — Cola-se e pronto... acabou-se.

VIII — São também as raparigas da mocidade que vendem os artigos para as novas fardas.

*Uma filiada do Centro n.º 2 de Lisboa*

VIII

VII

VI

IV

V

Fotos: Rama da Silva

# SE VÓS QUIZÉSSEIS!...

*Lavedan fez dizer a um dos seus personagens:*

**"J'aurai passé sur la terre en faisant ce qu'il y a de plus beau: des ruines".**

*Ruinas... Lavedan teria encontrado hoje quantos personagens quizesse, em carne e osso, a passearem o mundo e a repetirem, e a desejarem, e a executarem o diabólico intento: espalhar ruinas.*

*Dir-se-ia que muita gente não veiu à vida senão para ser uma ruina e deixar atrás de si caminhos e caminhos em ruinas...*

*Ennevoou-se-lhes a alma — vivem enterrados em orgias e sonhos de destroços que vão deixando à margem de si mesmos e não os acorda sequer a grita de soluços e desesperos que se erguem em protesto contra a sua passagem, contra a sua existência...*

*Passam arruinando sempre tudo e a todos:*

*... lágrimas... dôres... vidas quebradas... remorsos... alegrias perdidas... corações perdidos... juventudes envilecidas... almas sem rumo e sem esperança...*

*E como carniceiros malditos, sôbre as rezes semi-vivas, ei-los, aos cavaleiros da Morte, a continuarem a sua macabra e sinistra missão: espalhar ruinas, sem olharem onde e a quem...*

*Ei-los: livros de todo o tamanho e colorido, revistas e jornais sem escrúpulos, liberdades de atitudes nas ruas e sítios públicos, atentados ao pudor e á meninice no cinema, na conversa, na praia, no passeio — e a moda sem linha e sem beleza — a moda a soldo do Diabo. Ruinas... ruinas... ruinas... O espectáculo das almas dêste nosso tempo aos olhos do Céu!*

*
* *

*Raparigas:*

*...erguei-vos por tôda a parte, couraçadas de coragem e de beleza moral...*

*...erguei-vos, como donzelas de tempos idos, como portuguesas que o são a valer, e fazei frente a quem quer que seja que encontreis a semear a podridão e morte e lágrimas: ruinas.*

*Se vós quizésseis, raparigas, o senhorio do mundo seria vosso: quando vós vos deixais tomar por um ideal e o servis com a galhardia das vossas maneiras: com a vossa alma tôda abrazada em aspirações grandes e grandes propósitos de irdes por diante a todo o custo — olhai, quando* **quereis** *assim, sempre venceis.*

*Sois invencíveis — se dentro de vós arde em esperança a certeza de que no mundo o que vale é a alegria de lutar pela Virtude, pela Beleza, pela Justiça...*

*Raparigas... se vós quizésseis!...*

*
* *

*Vamos lá: contra os sinistros cavaleiros das ruínas, erga-se a vanguarda das audazes e das fortes que põem sangue e vida nas defezas...*

*... as que escolhem sempre os lugares onde se arrisca alguma coisa...*

*... as que se atiram com o coração cheio de sonhos lindos para os combates em que Deus vence sempre...*

*Contra os bandoleiros que atacam a honra, a virtude e a alma da Mocidade:*

*Contra todos os bandoleiros, homens e mulheres, contra todos*

*os vossos peitos...*
*a vossa virtude...*
*a vossa Pureza...*
*a vossa Honra...*
*o vosso futuro...*
*a vossa missão de amanhã...*

*São estes mais que titulos suficientes para enamorarem os vossos corações.*

*Eia! Em frente!*

*Vão além ainda os soldados da Morte...*

*A eles, raparigas — com coragem cristã e portuguesa!*

*E Portugal será Novo.*

*G. A.*

# NA HORA DO REGRESSO

**"Criança, lembra-te que eu sirvo para marcar o tempo que tu perdes."**
**(Legenda dum relógio antigo)**

A maior parte das raparigas que lêem estas linhas possuem um relógio e, se ainda o não possuem, é o objecto dos seus legítimos desejos.

Um relógio é sempre apreciado; até os relógios de assúcar ou de lata nos encantavam, quando eramos pequenas e ainda não sabiamos vêr as horas!

Ao entrar nêste novo ano de trabalho, eu desejaria gravar nos relógios de tôdas as filiadas da «Mocidade» estas palavras, que se lêem no relógio solar dum colégio de França: «Criança, lembra-te que eu sirvo para marcar o tempo que tu perdes».

Perder o nosso tempo é desperdiçar um precioso dom de Deus, do qual havemos de dar contas.

Cada hora que passa é um talento que devemos fazer render.

É uma hora de aula? Prestemos tôda a nossa atenção ao que nos ensinam; a nossa cultura intelectual valorisará a nossa vida.

É uma hora de recreio? Gosêmo-la alegremente, que também tem a sua utilidade. Conheceis a etmologia da palavra «recreio»? Vem de «recrear. O fim dos recreios é refazer-nos as fôrças para melhor podermos trabalhar.

Cada hora que passa, quer ela nos peça o esfôrço do nosso trabalho ou da nossa virtude, quer seja uma hora de descanso e alegria, é sempre uma hora em que podemos crescer e merecer.

Para isso o que é preciso? Cumprir as nossas obrigações; fazer a vontade de Deus.

Aproveitar bem o nosso tempo não é fazer coisas extraordinárias; é fazer bem feito aquilo que temos de fazer.

Duas vidas, aparentemente iguais, podem ser tão diferentes!

Imaginai duas raparigas freqüentando a mesma Escola; uma é uma aluna aplicada e a outra uma aluna preguiçosa. Parece que vão na vida a par. Mas não! Uma sobe e a outra marca passo sem adiantar.

Que diferença duma à outra!

Uma aproveita bem o seu tempo, a outra perde-o.

E as horas perdidas não se recuperam.

Vazias de merecimento só deixam após de si a responsabilidade de termos malbaratado um dom de Deus.

Querida rapariga: quando olhares para o teu relógio, «lembra-te que ele serve para marcar o tempo que tu perdes!»

O tempo que tu perdes de manhã na cama e que te faz falta para cumprires os teus deveres para com Deus...

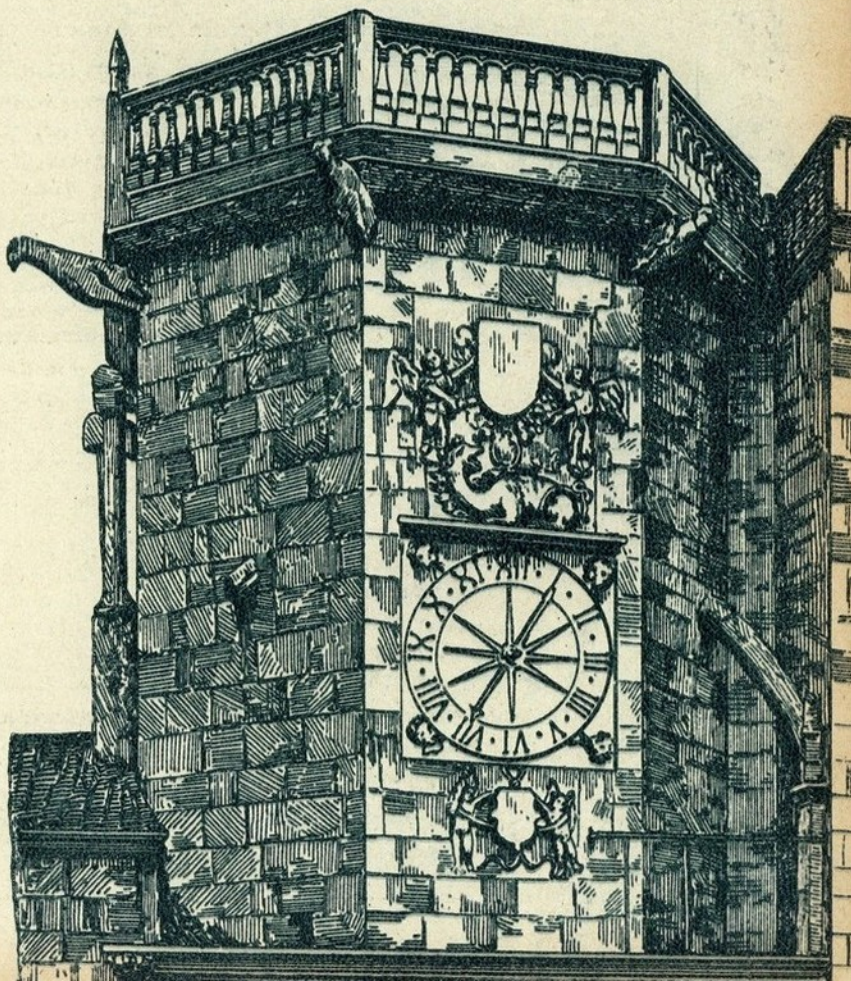
O tempo que tu perdes ao espelho e que te faz falta para cuidares do arranjo do teu quarto e das tuas coisas...

O tempo que tu perdes em futilidades e que te faz falta para o estudo... o trabalho... a caridade... os deveres familiares...

Mal tu sabes o que perdes, perdendo o tempo!

Desperdiças um tesouro com que poderias valorisar a tua vida, enriquecer a vida dos outros — e até comprar o céu!

*Maria Joana Mendes Leal*

# Santo António na sua casa

Vitral, do vitralista Ricardo Leone, na janela da Sala das Esculturas na «Casa de St.º António».

FRADE menor de S. Francisco, Frei António de Lisboa, que no mundo se chamara Fernando Martins de Bulhoēs, em breve passou de soldado humilde da legião dos Prègadores e Mendicantes, a chefe prestigioso e iluminado. A sua sabedoria oculta em humildade, o seu verbo contido em solilóquios íntimos, tocados pela vara mosaica da obediência, assombram, de súbito, a ordem. O caudal da sua eloqüência, pouco depois, assombraria o mundo. Morrre apenas com 36 anos e já a cristandade o tinha como a maior figura do seu tempo. Frei António, santificado, passa então a disputar-se. Quere-o Portugal onde nasceu; quere-o a Itália onde arrancou da preciosa vida, e Lisboa e Pádua nomeiam-no. O mundo cristão rouba-lhe porém a Pátria, e toma-o inteiramente. Santo António é universal.

Foi desta figura grande a que a névoa das dúvidas biográficas aumenta a estatura, que os agiógrafos fizeram outra, transmudando-a, e o povo português ainda outra, apropriando-a, por aproximação, à sua inteligência simplista de interpretador. E assim, primeiro, o orador, o teólogo, o sábio, o iluminado, passou a ser o taumaturgo, o fazedor de milagres improvados, para, depois, se mudar no fradinho folgazão e risonho, condescendente e «terra-a-terra» como o vulgo o crê, misturando, com a sua ternura e o seu lirismo passional, a vaga lembrança da verdade histórica com a avalancha das interpretações fradescas. O culto cristão absorvido pelos detritos do paganismo que ainda reveste a compreensão popular do maravilhoso e do inexplicável, deu esta devoção de agora que a poesia doira de reflexos de lenda. O povo para entender o Santo teve de o trazer até aos limites da sua sensibilidade, e foi desta guisa, refundida a figura no único molde possível, que o lisboeta Fernando Martins de Bulhoēs se entronizou no coração de Portugal e que o seu culto, quási pagão, vive no Império, em Marrocos, nas duas costas de A'frica, no Brasil e na India.

Santo António que se festeja com bombas e foguetes e com fogueiras de saltar, que se glorifica com balões, mangericos e cravos, que se importuna com pedidos de lirismo profano e se incensa com quadras amorosas e ridentes, não é de maneira alguma, o deslumbrante prègador da nogueira de Campo Sampicro, nem o humilde fradinho que andou por Marrocos a converter almas; mas sendo outro, muito diferente, criado pelo povo à sua imagem e semelhança, foi êste quem veiu renacionalisar a figura que encheu de admiração o mundo medieval. Se não fôra esta formidável interpretação popular o Santo seria irremediàvelmente italiano. Não era a pintura imaginosa dos agiógrafos de outro tempo que o podia salvar da posse alheia. A grande propaganda foi a do povo; a proliferação do seu culto deve-lhe inteiramente. Este serviço patriótico e cristão releva todo o possível malefício do paganismo interpretador; e, se êle não bastava ainda haveria a considerar a soma de belesa, de ternura e de lirismo que se adicionou à devoção Antoniana com esta intervenção fantasista, mas tentadora, de perdões, de assobios estridentes, de alcachofras a florir e de bilhas partidas...

Foi êste tríplice Santo António — o grande prègador que deslumbrou a cristandade, o taumaturgo que vinha de Pádua a Lisboa salvar o pai da forca, o fradinho que consertava as cântaras às moças, o da história, o da tradição fradesca e o da interpretação popular — todos tam diferentes e todos tam um — que se consagrou em Belém na Exposição do Mundo Português.

A «Casa de St.º António» mostra-o na sua feição própria e na feição criada; conta, num teto ornamental, a sua vida de 1195 a 1231; documenta alguns milagres atribuidos, em quatro baixos-relevos de carácter românico; diz como os artistas da idade média e da renascença o compreenderam plàsticamente em táboas expressivas e em imagens rudes e ingénuas; aqui tem um vitral, ali uma relíquia, além um documento; mas para que o povo o entendesse e sentisse teve de mostrar o Santo, bonito, como a alma popular o quere, no momento da aparição do Menino Jesus, sôbre os livros, no arquilanco de trabalho.

A figura grada do grande Santo não se amesquinha com esta transigência; cresce ainda pelo contrário, e cresce por que o mundo dos devotos aumenta, o culto sentimental e cristão alastra, e a ternura que vem dêsse agrado das almas, o perfuma melhor.

Santo António, na sua casa de Belém, perdoa... e sorri.

MATOS SEQUEIRA

Aspecto exterior da «Casa de Santo António», na Exposição do Mundo Português.

A aparição do Menino Jesus, a St.º António. Cena figurada num dos quartos da «Casa de St.º António». Trabalho do escultor Celestino Tocha

# OBRIGADA, MEU DEUS!

*Obrigada, meu Deus, pelo mundo tão lindo!*
*...pelo céu e pelo mar, pelas montanhas e os rios, pelas estrêlas e as flôres.*

*Obrigada, meu Deus, pelo pão nosso de cada dia!*
*...que Tu fazes crescer e amadurecer e que os nossos pais ganham com o suor do seu rosto.*

*Obrigada, meu Deus, pelos passarinhos que cantam!*
*...e pela alegria que canta também na nossa alma.*

*Obrigada, meu Deus, por tôdas as coisas!*
*...pelo meu boneco que diz mamã, e o meu urso de pêlo, e o meu cão felpudo, e o meu pato mickey, e tantas outras coisas bôas que Tu nos dás!*

# EQUITAÇÃO

A equitação é um desporto de todos os tempos.

Antigas estátuas gregas apresentam-nos amazonas que, apesar das mutilações que essas estátuas sofreram através dos séculos, nos mostram ainda tôda a graça dessas figuras de mulher.

Nenhum desporto tem mais interesse e, ia a dizer,—mais alma—do que a equitação, porque um cavalo é um ser vivo e inteligente e com uma sensibilidade delicada, que o faz sentir connosco.

Um automóvel ou uma bicicleta são apenas máquinas; quer trabalhem bem ou fiquem em *pane*, não nos merecem, na sua insensibilidade, nem afecto nem castigo.

Com um cavalo é diferente. Um cavalo tem a sua vontade e os seus caprichos. E essa vontade, que umas vezes se sujeita dócil à nossa e outras se revolta desobediente, dá à equitação um prazer particular, porque é humano sentirmos satisfação em dominar, seja pela imposição da nossa fôrça e autoridade, seja pela doçura dum afago.

Um cavalo estremece de alegria com uma carícia que lhe fazemos e manifesta-nos o seu contentamento se a nossa voz toma para lhe falar uma entoação carinhosa. Porisso um cavalo não tarda a ser um amigo.

E é talvez esta amizade que se cria entre o cavaleiro e o cavalo que torna tão agradável a equitação. Num passeio a cavalo não nos sentimos sòzinhos; um cavalo é um companheiro—e um passeio a dois tem sempre maior encanto.

Nos meus tempos de rapariga gostava de montar a cavalo. Estou a lembrar-me dum dia em que o cavalo me fugiu com o freio nos dentes, assustado com os guizos duma diligência que nos surgiu inesperadamente numa estrada, ao anoitecer.

Julguei que morria! Por fim, o cavalo, cansado daquela louca correria, lá parou, e eu, com mêdo que êle recomeçasse a sua carreira desenfreada, procurei acalmá-lo, afagando-o e falando-lhe com suavidade. Tranqüilisado, levou-me a casa sem novidade—mas que susto que eu apanhei!...

No entanto, esta aventura, que me poderia ter sido fatal, não me fez perder o amor à equitação. É que, andar a cavalo—quer se deixe ir o animal no seu andamento natural, a passo, quer o apressemos num trote largo que o nosso corpo tem de acompanhar certo, porque, de contrário, tornar-se-nos-ia muito fatigante, quer larguemos o cavalo a galope, entregando-nos à embriaguês da velocidade—é um dos melhores prazeres ao ar livre.

A equitação é, para o corpo, um desporto higiénico; e é, para o próprio espírito, um divertimento são.

Quem monta bem a cavalo adquire aprumo e elegância.

Porque não basta sentarmo-nos sôbre um selim e pegar nas rédeas; a equitação exige do cavaleiro e da amazona uma posição correcta, sujeita a regras que corrigem defeitos e aperfeiçoam atitudes.

Habituada a sentar-se bem sôbre o cavalo, a conservar-se direita, os hombros afastados sem constrangimento, os braços caídos com naturalidade, a cabeça levantada mas livre, uma amazona conservará habitualmente um porte distinto.

Uma posição verdadeiramente elegante a cavalo é aquela que dá a impressão dum grande *à vontade*, sem que no entanto se perca o aprumo. Esse *à vontade* é ainda uma condição para bem montar a cavalo, porque é êle que estabelece *a ligação* entre o cavaleiro e o cavalo, e dela depende o equilíbrio e a harmonia.

A equitação desenvolve também certas qualidades que tornam êste desporto educativo: a *atenção*, necessária para notar ràpidamente os obstáculos; uma *pronta decisão*, indispensável para dirigir o cavalo; uma *vontade firme*, para fazer-se obedecer; *calma e serenidade*, para não estimular fóra do tempo ou castigar injustamente; e até a *intuição* e a *bondade* necessárias para ganhar a confiança do cavalo.

Em geral, depois dos primeiros passeios, sentimo-nos fatigadas e com certos músculos doloridos. Mas, com o treino, desaparece êsse mal-estar.

No entanto—como em todos os desportos—não devemos abusar, pois todos os excessos são prejudiciais à saúde.

A equitação, desporto antigo e moderno, fica bem a qualquer rapariga, mas, infelizmente, não está ao alcance de todas, porque bem poucas são aquelas que podem dispor dum cavalo para montar.

*COCCINELLE*

# PAGINA DAS LUSITAS

## Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

### ERA UMA VEZ...

## O BOM CORAÇÃO DE MADALENA PAIS

*A casa onde vivia a família Pais, nos arredores de Coimbra, era bonita e antiga. Coberta de Bougainville, todos os anos se enchia de florinhas dum rôxo quási vermelho, lindas, que emolduravam as janelas da grande fachada. Madalena e Elisa eram irmãs; mas tão diferentes uma da outra que às vezes as criadas comentavam: — Quem há-de dizer que estas duas meninas são filhas dos mesmos pais?*

*Elisa era orgulhosa e violenta, linda de cara, alta e forte; e não admitia que a contrariassem. Enquanto Madalena, miudinha e de aparência insignificante, tinha o ar tímido e uma grande suavidade no olhar.*

*Uma tarde brincavam no jardim, arranjando cada uma o bocado de terreno que os pais lhes davam. Elisa plantava dálias-cactus; e queria-as enormes tôdas escarlates como vira num parque estrangeiro. Madalena tratava com amor das suas roseiras; e aprendera a podá-las, a limpá-las, a prendê-las. Nessa altura passou por elas um homem mal encarado de cajado ao ombro, barrête enterrado até às orelhas.*

*— Uma esmola, meninas — resmungou o homem num tom insolente, parando.*

*Elisa respondeu:*

*— Siga o seu caminho. Não temos aqui nada.*

*Madalena, porém, embora um pouco receiosa murmurou:*

*— Tenha paciência, homemzinho; outra vez será.*

*— É bom de dizer — respondeu o homem zangado. — Paciência não me dá sustento. E com as árvores carregadas de maçãs e as videiras cheias de cachos hei-de ir sem comer?*

*Mas Elisa retorquiu:*

*— Siga, já lhe disse; senão terá de se haver com os cãis da quinta.*

*— Serigaita! — tornou o homem, virando costas.*

*Quando a família se encontrou na sala, um pouco antes de tocar a sinêta para o jantar, uma grande algazarra, junta ao ladrar dos cãis, fez com que todos corressem para as janelas e para a varanda da sala.*

*— O que será?! — preguntavam uns aos outros, enquanto as vozes dos criados e dos jornaleiros gritavam no pátio:*

*— Apanhem-no! Ladrão! Malandro!*

*O dr. Pais saiu a ver o que era; e voltou daí a minutos com ar preocupado.*

*Elisa exclamou:*

*— O que é que o ladrão roubou, meu Pai?*

*— Coisas de valor? — preguntou a mãi.*

*— Levava o saco cheio de fruta — respondeu o pai — deve ter ido ao pomar enquanto os homens merendavam e foi um desbaste.*

*— Coitado... — murmurou Madalena.*

*— E apanharam-no? — tornou Elisa.*

*— Está já na cosinha e chamou-se o regedor para vir prendê-lo.*

*— Prendê-lo? — gritou Madalena. — Mas então têm a certeza que êle é ladrão?!*

*O pai olhou-a com espanto.*

*— Pois decerto, minha filha! Embora êle ainda o não o confessasse.*

*— Pois estão todos enganados — tornou Madalena com energia — e eu vou explicar tudo ao regedor que vem ali... — E sem mais palavras Madalena correu até à cosinha onde, sentado a um canto, casmurro e sombrio, estava o vagabundo. O regedor aproximara-se e preparava-se para interrogar o homem quando Madalena disse, simplesmente:*

*— Não sei porque é essa algazarra tôda, sr. António Maria! Eu própria é que fui com o homenzinho ao pomar e o ajudei a escolher a fruta para êle levar! Então vocemecê porque o não disse logo? — e Madalena, risonha, encarou o homem.*

*— Que diz a menina! — gaguejou o mendigo coçando a cabeça.*

*— Que história é esta? — preguntou o regedor, aborrecido.*

*— Ande, vá com Deus e leve a fruta que eu lhe dei: é sua e muito sua — tornou Madalena, simplesmente. E enquanto o pai a olhava em silêncio, compreendendo a generosidade da sua alma, o homem encarou Madalena com os olhos húmidos e murmurou, entre dentes:*

*— Se houvesse mais criaturas como esta, talvez houvesse menos como eu... Seja por amor de Deus, menina.*

*E à luz do crepúsculo foi-se perdendo na estrada a alta figura com o saco de fruta ao ombro...*

### CORRESPONDÊNCIA

*As respostas sôbre as* Histórias *da «Página das Lusitas», vão chegando às mãos da Directora da Página; e a pouco e pouco virão publicadas para, no fim, se concluir* qual *foi a história que teve mais votos.*

1 — Minha Ex.ma Amiga. Venho responder com tôda a minha franqueza qual a história da «Página das Lusitas» que mais gosto. Tôdas são bonitas, mas entre elas há uma que nunca me pode sair da cabeça — *Aventuras de Rosa Teimosa*. Tem passagens que nos faz chorar. Quando a pobre Rosa resava pedindo à Santíssima Virgem para guiá-la até casa de seus pais... Que alegria para Rosa vêr-se cercada do mimo dos seus paizinhos.

Um beijinho muito amigo da

MARIA DE LOURDES HORTA E COSTA HENRIQUES

2 — Tenho gostado de tôdas as Histórias da «Página das Lusitas» mas as que mais me agradaram foram:
*Rosa Teimosa; Luiz Cebolão o Fanfarrão; O Sorriso de Jesus; A Corcundinha; As quintas feiras da Tia Patrocínio e As tagarelices da Sr.a Maria.*

A-pesar-de nunca a ter visto, simpatizo muito consigo.

A lusita MARIA ANTONIETA SECADURA

## A CORAGEM DE TEREZA TELLES

(Vida agitada duma família portuguesa na América)

*No alto dum dêsses prédios enormes a que se chama* arranha-céus, *de Cleveland, no Estado de Ohio, a uma altura impressionante do chão, Manuel Telles, ajudante de seu pai naquela obra importante, saltava com habilidade de acrobata, dumas escadas para outras. Habituara-se por tal forma ao perigo constante em que viviam no meio daqueles milhares de operários suspensos a uma louca altura sôbre o espaço, que já nem o impressionava olhar para baixo e ver, como formigueiros, as filas de carros e de gente a seguir pelas ruas, na labuta diária da vida moderna.*

*Os pais de Manuel eram açoreanos da Ilha Terceira; e lá tinham nascido e vivido Manuel e sua irmã Tereza, mais nova do que êle três anos. Como tivesse morrido a mãi, o pai desgostoso e inconsolável, resolvera emigrar para Cleveland, na América, onde um seu parente achara boa colocação como hortelão-jardineiro. Vendeu a propriedade que tinha junto à aldeia de S. Mateus, escreveu ao parente e partiu, com os dois filhos Manuel e Tereza: o rapaz com dez, a pequena com sete anos.*

*O hortelão, porém, de pouco pôde valer-lhe: limitou-se a indicar-lhe uma agência de trabalho em Ohio, que arranjava colocações aos operários estrangeiros; e como Jacinto Teles era bom serralheiro depressa se colocou.*

*Tratou de mandar os filhos às escolas do bairro, — e, a-pesar-do primeiro ano ser duro de passar naquele meio tão desconhecido para êles, acabaram por se aclimatar todos três.*

*Agora, passados já nove anos, o pai e o filho trabalhavam com fartos lucros nas obras perigosas dos* arranha-céus; *e Tereza, muito gentil e habilidosa de mãos, como são quási sempre as portuguesas, era costureira a dias em casa do rico banqueiro Rosing e olhava pela ordem da casa: três modestos quartos no 19.º andar dum enorme prédio, todo habitado por gente modesta.*

*— Pai! Pai! — gritou Manuel ao pai, encarrapitado numa grande trave de ferro, a proceder ao encaixe duns parafusos.*

*— O que é? — respondeu o pai, levantando a cabeça.*

*— Não venhas tarde, hoje, lembra-te que a Tereza faz desasseis anos!*

*— Vamos lá, então; já tocou o sinal de acabar e está a apetecer-me a paparoca — e Jacinto ergueu-se lentamente, caminhando com cuidado, com os braços abertos, para melhor se equilibrar.*

*Foram descendo, descendo, descendo... E pareciam não ter fim aquelas escadas, aquelas traves, aqueles ferros metidos uns nos outros, para cima, para baixo, para os lados... Chegaram, finalmente, cá abaixo; e foram seguindo os dois, num passo rápido, a caminho do prédio gigante onde Tereza os esperava, ansiosa.*

*Subiram num dos inúmeros elevadores que serviam os vinte andares, e logo à chegada ao seu patamar, a risonha Tereza esperava-os com alegre expansão.*

*— Então temos pândega, hoje? — exclamou Manuel.*

*— E há-de ser rija! — respondeu a irmã, sorrindo.*

*— Vamos ao lanche, vamos, filhos — concluiu o pai, entrando no quarto, relativamente confortável, que era a um tempo casa de jantar, sala e cozinha.*

*— Fiambre, língua e vitela! — proclamou Tereza, apresentando uma travessa apetitosa com três renques de carnes frias.*

*— E ricas alfaces, também ali vejo — disse o pai.*

*— E fiz uma bela canja por ser dia de anos — concluiu Tereza.*

*— E eu trouxe uma torta de frutas para a sobremesa — declarou Manuel, desembrulhando um empadão de maçã.*

*Sentados em volta da pequena mesa, saborearam o almôço com gôsto. Pareceu, porém, a Manuel que a irmã não tinha a despreocupação habitual no semblante... Um véu de melancolia, quando não reparavam nela, parecia tornar mais escuros os seus olhos castanhos e lindos.*

*— Tens alguma coisa, Tereza? — preguntou-lhe o irmão de repente.*

*Tereza sobressaltou-se:*

*— Que idéia, Manuel!*

*Mas agora era o pai que a olhava com atenção e carinho.*

*— Alguém te fez mal Tereza? — insistiu êle, pegando-lhe nas duas mãos.*

*Tereza desviou o olhar, tristemente, e calou-se.*

*— Diz tudo, menina, não quero segredos entre nós três — tornou o pai.*

*Tereza não respondeu: e o pai tornou:*

*— Então?*

*Tereza, nervosamente, desatou a chorar, cobrindo a cara com as mãos.*

*— Filha, filha adorada! — murmurou Jacinto, afagando-a ternamente. — Conta tudo, minha jóia, conta tudo ao teu velho pai.*

*— Tenho mêdo de Allan Tregor.*

*— Eu sei quem é êsse bandido, pai — declarou Manuel — Vive aqui neste prédio.*

*— Que faz êsse homem? É operário? — tornou o pai, enquanto Tereza, sempre chorando, encostava a cabeça ao seu ombro.*

*— Operário não é — continuou Manuel — e há qualquer mistério na vida dêle. Vi-o há tempos, com outros, passar num grande carro de luxo, em Sidney; outra vez era êle que, vestido pobremente, bebia «gin» no bar do Jones.*

*— E tu, Tereza, que sabes dêsse homem? — preguntou Jacinto, levantando com carinho a cabeça da filha — Diz o que sabes, peço-te. Porque tens mêdo dêle?*

*— Há muito tempo já que Allan Tregor me espera na rua quando eu saio para casa dos Rosing. E eu não queria que nem o pai nem tu, Manuel, soubessem — continuou Tereza — pois as ameaças agora são cada vez mais terríveis...*

*— Diz tudo, filhinha — insistiu o pai.*

*— Olhem — tornou Tereza, levantando-se, e dirigindo-se para a janela — vêem-no além, encostado ao poste e olhando para aqui?*

*Os dois homens viram lá muito em baixo, uma figura esguia, minúscula àquela distância, imóvel junto ao poste eléctrico.*

*— Diz que há-de raptar o Pete Rosing seja como fôr — tornou Tereza — que, se não fôr a bem, será a mal; que tem poder e dinheiro para os vencer a vocês ambos... e que todos os dias, durante uma semana seguida, há-de estar a esta hora encostado àquele poste até eu acenar que sim, com a cabeça. E que se ao fim dessa semana eu não estiver resolvida a ajudá-lo a roubar a criança começa a usar da fôrça contra nós.*

*— Quando acaba êsse prazo? — preguntou Manuel.*

*— Amanhã... — gemeu Tereza.*

*— Não te assustes, — disse o pai. — Só porque um bandido nos ameaça não se segue que sejamos vencidos. É o dia dos teus anos, Tereza, vamos passar a tarde ao cinema do bairro.*

*— Ainda tens dois homens valentes para te proteger, Tereza — concluiu Manuel, beijando-a ternamente.*

*— Santa Teresinha há-de valer-me, — murmurou Tereza.*

(Continua no próximo número)

### Queridas Lusitas

A Directora da vossa «Página» acaba de sofrer um grande desgôsto: N. Senhor levou-lhe para o céu a sua querida Mãisinha.

Lembrai-vos dela com carinho nêstes dias tristes e pedi a Deus pelo eterno descanso da alma da Ex.ma Senhora D. Maria Palmira de Távora Folque.

*M. J.*

# O LAR
# COSINHA

## COMO SE LAVA A LOUÇA DE MESA, ETC.

1.º — Tiram-se os restos da comida com um esfregão ou um papel. Há quem use um pequeno pau tendo na extremidade um esfregão enrolado.

2.º — Separam-se e põem-se por cima uns dos outros os objectos da mesma natureza, pratos sôbre pratos, etc.

3.º — Deita-se água quente num alguidar e um pouco de potassa para ajudar a tirar a gordura.

4.º — Com um esfregão e sabão lava-se a louça que deve ser depois passada por outra água limpa e posta a escorrer.

5.º — Deve-se começar pela louça sem gordura e acabar pelos tachos, etc.

6.º — A louça das pessoas doentes deve ser lavada à parte, escaldada com água a ferver e passada por um desinfectante (nas doenças contagiosas, como a tuberculose, etc.).

*Copos* — Lavam-se com água morna e passam-se por água fria: devem ser limpos com um pano que não deixe fios e esteja bem sêco para ficarem brilhantes.

*Chávenas* — As chavenas são também lavadas com água morna.

*Garrafas* — Deita-se-lhes dentro água com sal, cinza, vinagre, casca de ovo ou pedacinhos de jornal e agita-se bem. Depois passam-se por água limpa.

*Manteigueiras* — Devem ser esfregadas com serradura antes de serem lavadas com água morna para se lhes tirar a gordura.

Se são de vidro, não convém metê-las em água muito quente porque podem estalar.

*Talheres* — Se o cabo das facas não é soldado, não se deve meter em água a ferver, porque se descola. Os garfos devem ser bem lavados entre os dentes para evitar que restos de comida lá fiquem metidos.

Os pratos sujos com clara de ovo, farinha ou queijo, devem ser metidos primeiro em água fria porque a água quente faria com que essas substâncias se agarrassem ainda mais.

Os *panos de cosinha* que servem para limpar a louça, etc., devem estar separados, conforme o seu destino. Por exemplo: não se devem misturar os panos de limpar a louça com os que servem para limpar os copos, nem tão pouco os esfregões do fogão com os panos de limpar a louça, etc. Pendura-se cada um em seu lugar.

Deve-se ter sempre à mão um pano para agarrar nas panelas, limpar qualquer coisa que caia nas mesas ou no chão, e não nos servirmos para êste fim dos panos da louça. É falta de asseio e falta de economia.

# TRABALHOS DE MÃOS

## PANO PARA APLICAÇÃO

O centro dêste lindo pano é em linho cru e a barra em linho verde.

Os corações da barra são em linho encarnado; os do centro em linho azul. As folhas são bordadas em linha verde e a estrêla em linha amarela.

*Figuras.*

*Rapaz:* Calças e jaleca castanhas, sendo as calças num tecido mais grosso do que a jaleca. A camisa é em linho branco e a faixa é bordada a vermelho. O chapéu e os sapatos são bordados a preto. Os cabelos são bordados a castanho. As mãos e o contôrno da cara são em tom creme. Os virados da jaleca e os bolsos são contornados a amarelo.

*Rapariga:* Saia de linho vermelho, com 3 barras bordadas, uma branca, outra encarnada e outra azul. Avental em linho amarelo. Blusa em linho branco. Colete bordado a azul. Lenço amarelo e verde, bordado. Cabelos bordados a castanho. Olhos castanhos. Bôca vermelha. Sapatos pretos e contôrno das pernas a branco. Contôrno dos braços e da cara em creme claro.

## Igrejinha bendita

*Como tu és tão bela oh igrejinha!*
*Caiadinha de branco, côr de neve*
*Lembras a alegria que, qual pombinha,*
*Passa na vida como a pomba... breve.*

*És modesta, mas a simplicidade*
*Tem sempre como aliada a Beleza,*
*É por isso que atrais a Mocidade*
*É por isso que a Mocidade em teu seio reza*

*Lá no alto, oh igrejinha bendita*
*Tu dás, a quem lá de baixo te fita*
*Um pouco de consolação p'rá Dor!*

*Enfim! Tu és bela e boa por tudo.*
*Mas és mais bela, ah! Sim! É sobretudo*
*Por conter o coração do Senhor!*

Maria Antonieta Gamito Palmeira
Filiada N.º 13.587 (infanta) — Centro 27 — Ala 2
*Província da Estremadura*

## Deus, Pátria, Família

Três palavras, três símbolos: um ideal!

Ficar-nos-á mal a nós, raparigas, falar da hora actual, do flagelo, que a nossos olhos se desenrola? Não! Não se pode ficar indiferente perante êsses acontecimentos, embora no nosso país exista ordem, disciplina e progresso! Será até um exemplo flagrante do interêsse que mostramos por factos tão importantes. Demonstra claramente que a mocidade portuguesa de hoje já não é aquela que se entretinha nas mesas dos cafés, nos bailes ou nos campos de futebol, mas quere zelar, dentro dos seus limites, os interêsses de Portugal!

Sendo assim, tratemos de vincar, ainda mais, os ideais mais puros, mais valiosos, e verdadeiramente nacionalistas: — Deus, Pátria, Família!

Há homens «sem Deus», como se sem Êle pudessem viver, que espalham no mundo um ambiente terrorista!

Querem abolir a Religião Cristã, a idéia da Pátria e os laços que nos unem à família, como se pudéssemos deixar de amar e respeitar aqueles de quem nascemos, como se pudessemos deixar de oscular a sagrada bandeira da Pátria!

Nós, jóvens nacionalistas de alma e coração, não podemos, nem devemos tolerar tão nefanda ideologia. Lutemos, pois, contra as idéias nefastas, que intitulando-se progressivas, são retrogradas pois querem impedir o caminho da civilização.

Olhando o rastro sangrento que deixam, afigura-se-nos impossível que haja homens capazes de cometer tantas atrocidades, tanto luto, tantas vítimas!...

Confiemos no espírito desempoeirado de todos, e prestemos homenagem sincera, como sinceras são as nossas palavras, aos nossos Dirigentes que tem sabido salvaguardar Portugal de tais perigos.

Celeste de Sousa Martins
Filiada N.º 9.800 — Barcelos

## Se conhecesses o dom da vida...

«Se conhecesses o dom da vida...» disse um dia lá longe, nas terras da Palestina, Jesus Nazareno.

É Jesus era o Filho de Deus. Era Cristo, Filho de Deus-Vivo, Redemptor da Humanidade.

São para ti estas palavras: «Se conhecesses o dom da vida...»

Pensa bem... Tu não vives. Vais com as outras, és como muitas, a maioria. E há uma Vida, uma vida grande, cheia.

Há uma fonte que diz vida e quem dela beber nunca mais terá sêde.

Viver é vencer-nos a nós mesmos, é subirmos sempre à conquista dum Ideal, querermos transportar para nós êsse Ideal.

Viver é ser nova, alegre, sã.

Viver é darmo-nos aos outros por amor.

«Se conhecesses o dom da vida...» Se queres conhecer o Caminho para esta vida, para «viveres», procura com humildade a fé.

Não julgues que ter fé é ser uma embiocada, é ser uma tristonha, uma vencida.

*Ser cristã* é possuir um título de nobreza, é ser portadora, detentora duma Verdade que aquece os corações, que os eleva.

*Ser cristã* é cantar pelas nossas acções de cada dia um hino de eterno reconhecimento.

*Ser cristã* é ser feliz, é mostrar em tudo (também nas contrariedades) que se é de Cristo.

*Ser cristã* é vencer, combater na arena da vida com a certeza da vitória se formos corajosas, se tivermos confiança.

Cristo disse: «Se conhecesses o dom da vida...»

Que estas palavras de Cristo e que Cristo mesmo não seja para ti um desconhecido.

*TOJO*

## Já pensaste?!...

*No áureo livro da vida,*
*hora a hora, dia dia,*
*algumas letras traçaste?!!!...*
*Ou em vão era vivida*
*cada hora que morria,*
*e, em branco a fôlha deixaste...*

*Nem ao menos, um momento*
*mais e mais alto voaste*
*buscando Luz e Verdade?*
*Quê?!... Pois o teu pensamento*
*lasso e cansado deixaste*
*onde falta a claridade?!...*

*Que é então p'ra ti a Vida?*
*É sol que nunca brilhou*
*e a ninguém poude aquecer?!...*
*Flôr já morta e ressequida*
*que, ainda botão, murchou*
*Sem chegar mesmo a viver?!...*

*Desperta! que a Vida é linda,*
*quando a Estrêla que nos guia*
*não é tão sombria e baça!...*
*Vive sim! É tempo ainda*
*de prencher cada dia!*
*«É tua a hora que passa»*

*ROSA MARIA*

## Comemorações centenárias

Vai Portugal atravessando um período de alegria e regosijo.

A nossa querida Pátria festeja neste ano de graça de 1940 oito séculos de existência! Não duma vida sem fruto, estéril, ms sim uma vida que está gravada a letras de oiro na história do mundo inteiro.

Por tôda a parte nós vemos a alegria do bom povo português; por tôda a parte festas e mais festas repassadas de graça e fé cristã.

Guimarãis, Ourique, Sagres, gloriosas epopeias da nossa brilhante história. Filiadas: nós com enorme regosijo tomamos parte nestas comemorações. Quando estivermos no meio desta tão grande alegria levantemos os olhos a Deus e peçamos-lhe por êsses que lá longe se batem... Ums imples Padre-Nosso que Cristo ouvirá porque vem de corações moços e cheias de fé. Resai também por Portugal e pelos seus heroicos ressurgidores: Carmona e Salazar, para que êsses chefes nos conservem sempre esta bemdita independência, esta Paz Sagrada.

Podeis crer, raparigas, as bençãos de Deus cairão sôbre Portugal!

Acompanhai-me, pois, neste meu desejo: «Viva, para sempre, Portugal Cristão!!!»

Maria Selene Guerne Garcia de Lemos
Filiada N.º 11.839 (Vanguardista) — Ala 4 — Centro 1
*Extremadura*

## O nosso jardinzinho

*Plantado à beira mar*
*Existe um lindo jardim;*
*A-pesar-de pequenino*
*Parece-nos não ter fim!*

*A quem de longe o olhar*
*Dá idéia dum bercinho!*
*E' berço dos Portugueses*
*O pequeno jardinzinho!*

*Este país encantado,*
*Que tem belezas sem par,*
*É que as ondas com orgulho*
*Não se cansam de embalar*

*É uma terra bem grande!*
*E com uma linda História!*
*Linda, pela coragem*
*De quem se cobriu de glória!*

*E é por essa coragem,*
*Pequenino Portugal,*
*Que a-pesar-do teu tamanho*
*Tu és grande e imortal!*

Maria Ester Ferrer Santos
(Vanguardista) — Centro 1 — Ala 2
*Extremadura*